

# A MODA DO VESTIDO DE PRENDA: DO SURGIMENTO ATÉ OS DIAS ATUAIS.

## *THE FASHION OF PRENDA DRESS: FROM THE EMERGENCE TO THE PRESENT DAY*

Cleici Naira Rios Reolon<sup>1</sup>  
Natalie Pacheco Oliveira<sup>2</sup>

### RESUMO

O vestido de prenda é uma criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho, que a partir de 1948 produziu um traje que representa a mulher gaúcha de tal forma a combinar com o traje dos homens (peões) gaúchos. Foi com o nascimento do 35-CTG que surgiu essa peça de vestuário tão importante, além de muitas outras tradições da cultura gaúcha. Esse vestido foi esboçado a partir de peças herdadas de outras culturas, como a açoriana e indígena. O vestido de prenda é o traje oficial feminino da cultura gaúcha e dá lugar de destaque, com delicadeza e bravura, à mulher símbolo da cultura gaúcha.

**Palavras-chave:** Mulher Gaúcha. Vestido da Prenda. Traje. Tradição.

### ABSTRACT

*The Prenda dress is a creation of the Traditional Gaucho Movement, which since 1948 has devised a costume that represents the gaucho woman in such a way as to match the gaucho men's attire. This important piece of clothing emerged with the birth of the 35-CTG, in addition to many other traditions of the gaucho culture. This dress was sketched from pieces inherited from other cultures, such as the Azorean and the indigenous. The Prenda dress is the official female costume of the Gaucho culture and with lightness and bravery provides notoriety to the woman symbol of the gaucho culture.*

**Keywords:** Gaucho woman. Prenda Dress. Costume. Tradition.

### INTRODUÇÃO

De influências europeias, indígena e de tantas outras peças de sua própria invenção, o gaúcho do Rio Grande do Sul foi constituindo sua própria indumentária. Dentre as diversas culturas brasileiras atuais, a gaúcha é uma das mais presentes e expressivas. Seus símbolos são o chimarrão e o churrasco, os quais demonstram hospitalidade. A arte gaúcha não ficou

---

1 Graduanda; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, cleicirios@gmail.com

2 Mestre; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, natalie.oliveira@erechim.ifrs.edu.br

só no Rio Grande do Sul, o que se pode perceber pela existência de diversos Centros de Tradições Gaúcha, espalhados pelo Brasil e por outros diversos países. Esses Centros dão continuidade à arte gaúcha (VELLINHO, 1964; CESAR, 1984). O vestido de prenda é uma criação da moda antiga com as vontades de alguns dos integrantes do 35 - CTG e do Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG que a partir de 1948, criou um traje que representasse a mulher de tal forma a combinar com o traje atual dos peões. Em 1989, no 34º Congresso Tradicionalista, foram formalizadas, apresentadas e aprovadas, pelo IGTF - Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, regras para o Traje da Prenda.

Segundo Souza (1987), a moda era desconhecida pelos povos primitivos. É a partir do Renascimento, quando as cidades se expandem e a vida da corte se organiza, que se acentua no ocidente o interesse pelo traje e começa a acelerar-se o ritmo das mudanças.

Sendo assim, este artigo tem por intuito falar da mulher Gaúcha, que foi umas das responsáveis por manter viva as tradições do Rio Grande do Sul, e o surgimento do vestido da então mulher, nominada Prenda.

Está dividido em introdução, desenvolvimento e conclusão. A metodologia que segundo Gil (2010), pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado em materiais impresso, como livros, revistas, jornais, tese, dissertação e anais de eventos científicos. Em virtude de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela internet. Os autores pesquisados para referências teóricas foram João Carlos Paixão Côrtes (1998, 2005, 1994 e documentos sem data), Véra Stedile Zatterra (1945 e 1995), Barbosa Lessa (1985), Salvador Ferrando Lamberty (1989), Antonio Augusto Fagundes (1994), Manoelito Carlos Savaris (2008) e livros de publicações próprias do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho, 2013 e 2015).

## 2 Moda Gaúcha

Paixão Côrtes em seu livro ‘A moda: Alinhavos e Chuleio’ (2005), cita um trecho do livro Enciclopédia da Moda (1998), da escritora Georgina O’ Hara:

A moda é um reflexo móvel de como somos e dos tempos em que vivemos. A roupa sempre foi utilizada como instrumento social para exibir riqueza e posição, da mesma forma que a deliberada rejeição de símbolos e status transmite outras mensagens. As roupas podem revelar nossas prioridades,

nossas aspirações, nosso liberalismo ou conservadorismo. Elas fazem muito para trazer necessidades simples ou complexas e podem ser usadas consciente e inconscientemente para transmitir mensagens sexuais sutis ou diretas. Emprestam elegância à cor, o nosso ambiente e dão forma a nossos sentimentos. São a primeira e a última palavra da linguagem que é a moda (PAIXÃO CÔRTEZ, 2005 p. 5).

Para que se determine o que realmente é moda, é necessário que tenha uma aceitação geral de um determinado segmento - diante de uma ótica sociológica - por um espaço de tempo mais ou menos longo.

Para que essa moda se torne popular, deve partir de um foco de irradiação universal de divulgação. Estreará nos salões aristocráticos das grandes capitais, ganhará as cidades menores, conhecerá as vilas e lugarejos e, para descansar, alegrará o chão batido dos ranchos da gente simples da vida interiorana (PAIXÃO CÔRTEZ, 2005, p. 5).

A moda está ligada ao comércio. Segundo Souza (1987), moda é uso, hábito ou estilo, geralmente, de aceitação variável no tempo e resultante de determinado gosto, ideia, capricho e das influências dos meios. A moda não é um fenômeno universal, mas é própria de certas sociedades e de certas épocas:

A diferenciação da moda feminina e masculina, se intensifica a partir do século XIX; de um lado pelo relaxamento da Igreja e de outro pela libertação das mulheres que, começando a ter direito de escolha do companheiro, se interessam cada vez mais pelos elementos de atração sexual (PAIXÃO CÔRTEZ, [s.d.], p. 107).

O século XIX foi marcado na moda, por afastar o grupo feminino do masculino, submetendo os grupos a escolha de cores e tecidos. Para as mulheres ficou a abundante escolha, já para os homens começa aí a restrições de cores e tecidos. Segundo Souza (1987), é no século XIX quando a democracia anula as leis que privilegiavam a nobreza, que a moda se espalha por todas as camadas sociais.

Como a moda é variável no tempo, não atinge os trajes folclóricos característicos de um determinado grupo, adquiridos e transmitidos tradicionalmente, como por exemplo, o poncho, o chiripa e a bombacha.

### 3 Traje da Mulher Gaúcha

A indígena foi a primeira Gaúcha, de suas roupas originou-se o traje feminino gaúcho. Desde então as vestimentas foram se adequando, sendo modernizadas conforme a necessidade ou a moda que vinha da Europa, das cidades grandes e da Corte.

Quando chegaram os Jesuítas, o Rio Grande do Sul já era habitado por indígenas, subdivididos em tribos espalhados pelo Estado. Os índios começaram a conviver com os jesuítas e logo depois com os ibéricos, que traziam suas próprias maneiras de vestir, da Europa ou centro do país. Assim o indígena procurou um traje que se adequasse ao seu novo modo de vida, imposto pelos povos que chegavam ao Rio Grande do Sul. A mulher passou a cobrir o corpo seguindo os princípios do zelo da moral católica. Nessa época surge o Sete Povos das Missões, ao qual deriva o nome mulher Missioneira. Assim passou a ser chamada a mulher no Rio Grande do Sul.

O Rio Grande do Sul foi percorrido por tropeiros antes e se tornar Capitania. Os tropeiros que aqui chegavam precisavam do indígena para lhes guiar, e muitas vezes auxiliá-los no combate a inimigos, por vezes, outros tropeiros e ou contrabandistas. O povo indígena, adquirindo hábitos do europeu, passou a ver a necessidade de proteger suas terras e rebanhos, uma vez que tropeiros e contrabandistas viam aí a possibilidade de saquear os animais e se apossar das terras. Homem corajoso, mestiço ou índio, passou a ser o peão de estância, o que reforçou ainda mais seu domínio sobre o cavalo.

Com o homem preocupado em defender suas terras, rebanhos e sua fama de cavaleiros gaudérios, a mulher começou a assumir os cuidados com a casa, trançar as esteiras, tecer redes e os *cayapis* dos seus homens e cuidar das crianças. Além disso, a mulher passou a cuidar das plantações e das pessoas que passavam por suas terras, para que essas não se apropriassem delas. De trajes trazidos por europeus, tropeiros e contrabandistas, foi se adequando as vestimentas de homens e mulheres, tendo em visto a suas funções do dia-a-dia.

A mulher de peão de estância passou a ser chamada de Mulher Rural, pois o peão de estância era o índio mestiço que trabalhava para o europeu branco, que tinha conquistado terras em solo gaúcho. Os europeus, com suas filhas e mulheres brancas, vestiam a moda europeia vindas das grandes cidades. Os homens passaram a ser chamados de Estancieiros, e suas esposas de Estancieiras. Em outras palavras, a Mulher Rural era a mulher pobre, a mulher do campo que se vestia obedecendo ao critério do seu trabalho; já a Mulher Estancieira, mulher rica, patroa, vestia a moda europeia e das grandes capitais.

Entre os anos de 1947 a 1950, a mulher gaúcha passou a ser chamada de prenda. Esta não era qualquer mulher, era aquela que se vestiu de vestido longo e passou a frequentar os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs):

Diz Alfredo de Athayde: “para estudar o traje tradicional usado em uma região, é necessário tomar em considerações todos esses fenômenos sociais porque os homens passaram através dos tempos. Verifica-se também, resistência a substituição dos rajes populares, por outros mais vulgarmente usados, reside principalmente na índole do povo (PAIXÃO CÔRTEZ, s. d., p. 106).

Com base em bibliografias de autores como Véra Stadille Zattera, João Carlos Paixão Côrtes, Marina Monteiro Paixão Côrtes, do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho), entre outros, aprofundaremos o traje da mulher Gaúcha.

### 3.1 A mulher Indígena

A primeira mulher a habitar o Rio Grande do Sul usava apenas o *chiripa* como vestes, deixando o torso desnudo (Figura 1). No rosto, pintura, e ao pescoço, colares de contas ou dentes de feras (ZATTERA,1945).

**Figura 1: as vestes da mulher indígena, segundo Zattera.**



Fonte: Zattera, 1945.

### 3.2 A mulher missioneira

A mulher missioneira, conforme mostra a Figura 2, usava vestido longo formado de dois panos costurados, com apenas uma abertura para os braços e uma para o pescoço chamado *tipoy*. Uma espécie de cordão, chamado de *chumbé*, era utilizado na cintura para ajustar e segurar a peça. Em ocasiões festivas, vestiam *tipoy* de linho, e só nas vestes religiosas trajavam mantos em cores dramáticas, como o roxo e o preto (ZATTERA,1945).

**Figura 2: as vestes da mulher missioneira, segundo Zattera.**



Fonte: Zattera, 1945.

### 3.3 A mulher rural

A mulher rural de (1730-1820), segundo Zattera (1945), usava saia rodada de tecido de lã leve e camisa longa de algodão. Como apresenta a Figura 3, os pés eram descalços, os cabelos longos trançados, ornamentados com flores e fitas, ou ainda, um lenço a cabeça amarrado a baixo do queixo (ZATTERA,1945).

**Figura 3: as vestes da mulher rural, segundo Zattera.**



Fonte: Zattera, 1945.

Entre 1820 e 1865, a mulher rural (Figura 4), vestia blusa de mangas com acabamentos em rendas, saia longa e rodada, junto ao casaquinho de tecido leve e flores no cabelo preso. Usava uma sombrinha para se proteger do sol e sua saia passou a ter na barra um babado franzido ou de pregas (ZATTERA,1945).

**Figura 4: as vestes da mulher rural, segundo Zattera.**



Fonte: Zattera, 1945.

No interstício de 1865–1950, segundo Zattera (1945) a mulher passou a vestir saia e blusa ou vestido (Figura 5). A saia era menos rodada, podendo ou não ter babados e/ou pregas. A blusa com mangas bufantes até o cotovelo e reto até punho, enfeita com babados e rendas, leva o fichu (espécie de abrigo, de tecido leve e formato triangular, que as mulheres utilizavam para cobrir o pescoço e ombros e, as vezes, a cabeça), como enfeite. A silhueta é marcada por um cinto apertado. Calça botinhas ou sapatos sempre fechados. Como acessórios, leva a sombrinha ou o leque, o brinco e o broche (ZATTERA, 1945).

**Figura 5: as vestes da mulher rural, segundo Zattera.**



Fonte: Zattera, 1945.

### 3.4 A mulher estancieira

A mulher estancieira, que para Zattera (1945) compreende a mulher de 1730 a 1820, usava sapatos e meias de seda, anáguas e corpete (Figura 6). Vestido com corte a baixo do busto, feito de seda ou algodão. Leque e lenço à mão, acompanhada sempre de joias em excessos. Como agasalho, o capote ou xale. Os cabelos longos eram presos com fitas e flores. O vestido feminino é chamado de “vestido vassourinha” (ZATTERA, 1945).

**Figura 6: as vestes da mulher estancieira, segundo Zattera.**



Fonte: Zattera, 1945.

Vestido longo com corte na cintura, de seda ou veludo. O colo mostra, devido ao decote amplo. Mangas bufantes até o cotovelo, e justas até o pulso. Brincos e broche no pescoço. Os cabelos eram longos e presos com travessas e flores (Figura 7). Essa mulher marcou a época de 1820 a 1865 (ZATTERA,1995).

**Figura 7: as vestes da mulher estancieira, segundo Zattera.**



Fonte: Zattera, 1945.

A partir de 1865 em diante, usava vestido com recorte “V” na cintura, enfeitado com fichu de renda e jabô (Figura 8). Mangas retas e bufantes, ajustadas no punho, e à mão carregava o leque ou a sombrinha. Os cabelos estão presos por travessas. Nos pés botinhas e sapatos fechados (ZATTERA,1945).

**Figura 8: as vestes da mulher estancieira, segundo Zattera.**



Fonte: Zattera, 1945.

Com o passar dos anos, depois da Guerra do Paraguai (1864 – 1870), a mulher surge de vestido com saia rodada e babados, feito em algodão com estampado miúdo, de *broderie* ou de cor lisa (Figura 9). O corpo justo é fechado no pescoço, com enfeites do mesmo tecido ou em renda. As mangas são bufantes, 3/4 ou até o cotovelo com acabamentos em babados. Por baixo da saia é utilizada a bombachinhas e meias brancas e, nos pés, sapatos pretos. Para se agasalhar, xale de crochê de lã e rendas. O cabelo é utilizado solto ou semipreso com flores e usam-se brincos balançantes (ZATTERA,1945). Surge aqui a inspiração do que mais tarde passaria a ser chamado de Vestido da Prenda, assim nomeada a mulher gaúcha.

**Figura 9: as vestes da mulher estancieira, segundo Zattera.**



Fonte: Zattera, 1945.

Para se entender melhor o vestido da prenda, apresenta-se alguns acontecimentos históricos que marcaram o estado do Rio Grande do Sul, fazendo jus a cultura e a tradição gaúcha.

#### **4 Centro de Tradições Gaúchas - O 35**

Desde novembro de 1937, a bandeira estadual, que havia escapado da fogueira, estava escondida. Foi uma época que o Rio Grande do Sul, estava esquecido de si mesmo, afirma Lessa (1985). Foi então que um jovem estudante, recém-chegado a capital, com dezenove anos de idade, tomou a iniciativa, em setembro de 1947, de fundar o Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil Júlio de Castilhos. Com isso, João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes encilhou os primeiros cavalos na capital, acendeu a primeira Chama Crioula, realizou a primeira Ronda Crioula, e se fez a primeira Semana Farroupilha, com meia dúzia de “gatos-pingados” (LESSA, 1985):

Vínhamos da área pastoril interiorana, e estávamos dispostos a provar que tínhamos mais tutano, mais caracu, que o pessoal da cosmopolita metrópole. Não nos animavam preocupações literárias, mas sim o empenho associativo. Daí a coleta de assinaturas num simples caderno de aula: “Aqui trazemos um convite aos gaúchos que, embora residindo na capital e tendo hábitos citadinos (sic), guardam ainda

nas veias o sangue forte da terra rio-grandense. Terá como finalidade reunir no mesmo rodeio os guapos das muitas querências do Rio Grande, mas agora residindo em Porto Alegre. No primeiro sábado de novembro realizaremos uma reunião preparatória das atividades, para que todos sejam orientados, e assim, entrem na cancha, em março de relho em pé, prontos para a vitória. Viva o Rio Grande do Sul! (LESSA, 1985, p.57).

Com o recolhimento de assinaturas para achar sócios, veio a descoberta de que uma outra turma de rapazes estaria com um plano semelhante. Uniram-se os líderes para debater o assunto. A ideia desse grupo era fundar uma espécie de academia nativista limitada a trinta e cinco membros, e “a nossa era a de afirmação das tradições pastoril ilimitadamente, de Porto Alegre para os demais centros cosmopolitas, mas chegamos à conclusão de que valeria a pena reunir esforços”, ressalta Lessa (1985, p. 57).

As reuniões passaram a ser feitas todos os sábados a tarde, e entre um mate e outro, elaboraram o Estatuto do 35 - Centro de Tradições Gaúcha. Luiz Carlos Barbosa Lessa, em *Nativismo Um Fenômeno Social Gaúcho* (1985), narra o estatuto:

O Centro terá por finalidade:

- a) Zelar pelas tradições do Rio Grande do Sul, sua história, suas lendas, canções, costumes etc., e consequente divulgação pelos Estados irmãos e países vizinhos;
- b) Pugnar por uma sempre maior elevação moral e cultural do Rio Grande do Sul;
- c) Fomentar a criação de núcleos regionalistas no Estado, dando-lhes todo apoio possível;

O Centro não desenvolverá qualquer atividade político-partidária, racial ou religiosa (LESSA, 1985, p. 58).

A ata de fundação foi assinada por vinte e quatro rapazes, no dia 24 de abril de 1948, contudo são considerados fundadores do 35-CTG sessenta e duas pessoas. Foi escolhida a primeira diretoria e, assim, começou a funcionar o primeiro CTG, instalado num galpão, mesmo que simbolicamente representado pelo porão da casa da família Simch (SAVARIS, 2008).

As primeiras mulheres a participarem do movimento 35-CTG, foram as irmãs Ludmilla e Marília Zarrans, que adentraram antes mesmo da criação da Invernada de Prendas do 35. Ambas participaram de uma recepção a Miss Distrito Federal, sendo assim consideradas as primeiras prendas, a representar o 35-CTG e o Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Em julho de 1949, foi realizada a “1ª Reunião de Moças da Sociedade”, sendo convidadas as senhoritas Maria Zulema da Paixão Cortes, Dirce Paixão Cortes, Sueli Dutra Soares, Sarita Du tra Soares, Lory Meireles Kerpem, Iris Piva, Norma Dutra Ferreira, Nora Dutra Ferreira, Damásia Medeiros Steimetz e Linda Brasil Degrazzia. Outras convidadas não tiveram permissão dos pais para comparecer ao encontro, como Lia Eilert dos Santos e Cyra-Eilert dos Santos. A reunião foi para a patronagem (apoio moral ou material oferecido por alguém ou por uma organização; patrocínio, patronato) a apresentar a proposta de criação da Invernada de Prendas, que de imediato foi criada, sendo nomeada como posteira a Senhorita Lory Meirelles Kerpem (LESSA,1985).

## 5 A Invenção das Tradições

Segundo Lessa (1985), conscientes que não estavam em um autêntico galpão de estância, voltaram-se para questão de, com base na cultura tradicional - respeito a todos aqueles elementos que pudessem ser mantidos em Porto Alegre e alhures - deveria ser criada uma cultura tradicionalista, adaptável às mais diversas situações de tempo e espaço. Ainda segundo Lessa (1985), provavelmente o mais reconhecido ideólogo do tradicionalismo gaúcho que trata da invenção das tradições dizendo que os iniciadores do movimento não dispunham de informações e dados suficientes para sustentar suas práticas tradicionalistas, o que os levou “a inventar as tradições”:

O centro terá por finalidade zelar pelas tradições do Rio Grande do Sul, sua história, suas lendas, canções, costumes. [...] os costumes, o linguajar, a maneira de encilhar um pingo e sair galopando, isso nós sabíamos. Mas, quanto ao mais, o assunto ia se tronando complexo. História não se inventa. Folclore é uma ciência social muito séria, e não éramos folcloristas; o Folclore não se inventa. Antropologia é uma ciência social muito séria, e não éramos antropólogos; e antropologia não se inventa. [...] mas éramos tradicionalistas. Gente mantendo ativamente no presente aspecto do passado, com vistas ao futuro. Quando algum elemento faltasse para a nossa ação, nós teríamos de suprir a lacuna de um jeito ou outro (LESSA,1985, p. 64).

### 5.1 Origem da palavra prenda

Segundo o blog Tradição do Nosso Chão, durante os séculos XVI e início do XIX, no decorrer da ocupação e demarcação territorial, as mulheres que viviam naquela região eram tratadas como chinãs (diminutivo

de Chinoca, que é o nome dado às mulheres caboclas, morenas, geralmente descendentes de índios), muitas delas eram índias roubadas de suas regiões de origem, levadas na garupa de cavalos. Essas mulheres, não demoravam muito, a serem abandonadas, largadas, esquecidas. Roubadas, longe de suas regiões originárias, não tinham ninguém por elas, ninguém que as cuidassem, e logo o termo China tornou-se sinônimo de prostituta.

A palavra prenda provavelmente tenha surgido através da canção trazida ao Rio Grande do Sul pelo povo Açoriano. Povo que trouxe muito mais que canções, pois trouxe danças, provérbios, palavras únicas, trovas, adivinhas, e seus pratos típicos que também foram adotados pelos gaúchos:

Eles trouxeram suas danças, como a Cana-Verde, a Chimarrita e o Caranguejo, suas canções com a Nau Catarineta, suas trovas e quadrinhas, adivinhas e provérbios, suas Irmandades, como de São Miguel e Almas, e a Santa Casa e a festa do Divino Espírito Santo, que não dispensava a bizarra construção do Império. Trouxeram palavras, como “rancho” e deram ao gaúcho o “tu” de um falar muito fiel a origem açoriana, como a pesca artesanal de mar. [...] muitas trovas, canções, provérbios e adivinhas que o gaúcho ainda repete como autenticamente seus (e o são, na realidade) nasceram no solo vulcânico do Arquipélago [...] (FAGUNDES, 1994, p. 28).

A mais provável história do surgimento da palavra prenda foi que trazida pelos açorianos, na canção que tinha como refrão os versos: “Tirana, atira, tirana / vem a mim, tira-me a vida: / A prenda que eu mais amava / Já de mim foi suspendida” (FAGUNDES, 1994, p. 28).

Esses versos deram origem a canção que se popularizou no Rio Grande do Sul, pela colônia gaúcha impressionada com os registros que Mário de Andrade fez de “Prenda Minha” em seu livro “Ensaio sobre Música Brasileira”, que a música voltou para o seu pago e ganhou popularidade, ainda que não tanta quanto a que atingiu no Rio de Janeiro. A primeira gravação aparentemente foi feita em 1935, pelo selo Victor, nas vozes de Almirante e Paulo Tapajós:

Prenda Minha  
 Vou embora, vou-me embora,  
 Prenda minha,  
 Tenho muito que fazer.  
 Tenho de ir parar rodeio,  
 Prenda minha,  
 No campo do bem-querer.

Noite escura, noite escura,  
Prenda minha,  
Toda noite me atentou.  
Quando foi de madrugada,  
Prenda minha  
Foi-se embora e me deixou.  
Troncos secos deram frutos,  
Prenda minha,  
Coração reverdeceu.  
Riu-se a própria natureza,  
Prenda minha,  
No dia que o amor nasceu.  
(Zero Hora, Caderno de Cultura, 2000, n. p.)

Sendo assim, alguns historiadores atribuem ao tradicionalismo gaúcho a criação do vocábulo prenda para designar a mulher gaúcha de bons costumes, pura, honesta, ingênua e graciosa.

## 5.2 O vestido da prenda

Na construção do traje típico gaúcho, chegou-se a seguinte discussão: como seria o vestido da mulher gaúcha? Já estava decidido que homem era peão, a mulher era prenda. Lessa (1985), diz que o traje de ambos foi definido como pilcha, que significa, segundo o autor, dinheiro ou objeto de uso pessoal que possa ter um valor pecuniário.

Segundo Zattera (1945), entre os séculos XVIII e XIX a mulher segue a moda francesa, como qualquer outra mulher do mundo civilizado, perdendo assim, através do tempo e da moda, as vestes femininas da antiga mulher gaúcha:

[...] como modelo, aproximado, só havia os vestidos caipiras, das festas juninas de São Paulo, ou as “folhinhas” anuais distribuídas pela campanha. [...] Paixão encasquetou que deviam ser vestidos compridos até os tornozelos; eu argumentei que se nós, rapazes estávamos trajando nossas costumeiras bombachas, não carecia que as moças se voltassem para tão longe nos antigamente; isto não chegou a ser posto em votação, mas o bigodudo Paixão nos venceu pelo cansaço [...] (LESSA, 1985, p. 66).

Os rapazes do 35-CTG, porém, trazem a tona o traje usado no passado pela mulher gaúcha. O traje passou por alterações submetidas à modernidade e necessidade que a época pedia. E a partir daí foi denominado que

assim passaria a ser chamado: Vestido de Prenda, e esse passou a ser usado dentro dos CTGs, pelas belas mulheres que os frequentavam, as quais foram chamadas de Prendas:

No ano anterior, em 22 de junho de 1969, o Diário de Notícias de Porto Alegre, publicou matéria intitulada As perguntas de uma prenda, respondendo vários itens sobre indumentária onde, esclarece origem do mesmo Vestido de Prenda: “O Vestido de Prenda comum, esse que se vê em todos os centros de tradições é invenção moderna, dos rapazes que fundaram o pioneiro 35 CTG em abril de 1948, no coração de Porto Alegre. Não é um traje folclórico - porque não se usa hoje - nem histórico porque não foi usado no passado. Foi inventado porque havia necessidade de um traje feminino atraente, que acompanhasse, que fizesse par com a brilhante indumentária masculina gauchesca, esse sim! Histórica e folclórica!” (ZATTERA, 1995, p.174).

Porém, com as invernações de danças formadas, exigiram-se mudanças no traje, uma vez que, segundo o MTG - Movimento Tradicionalista Gaúcho, os trajes históricos da gaúcha do século XIX e início do século XX eram tristes, de cores sóbrias e sérias entre o cinza e o bege, e não eram práticos para dançar em palcos, ficavam justo ao corpo não permitam a mobilidade, a funcionalidade, a autenticidade e beleza da prenda necessária para a dança. Paixão Côrtes (2005, p.8), diz que “devemos ter em mente que a roupa, na dança, não significa tão somente uma adaptada cobertura da pele do corpo”:

[...] espera-se que o trinômio mobilidade, funcionalidade e beleza não traga prejuízo a estética. Por essa razão a importância correta da vestimenta, não só como uma figura pictórica, mas como elemento destacado na identidade da gente de uma terra. Assim, não teremos somente pessoas, roupa e dança, mas interação pessoa/roupa/dança e autenticidade de temática (PAIXAO CÔRTEZ, 2005, p. 8).

Assim, entrou em ação o MTG - Movimento Tradicionalista Gaúcho, que a partir de 1950 vestiu as mulheres de Prenda. Criaram regras que foram formalizadas, apresentadas e aprovadas pelo IGTF - Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, no Congresso Tradicionalista realizado em Porto Alegre, no ano de 1989:

Proposição aprovada no 34º Congresso Tradicionalista rea-

lizado em Caçapava do Sul em 07.01.89 - Autor - Luiz Celso Gomes Hiarup”.

#### TRAJE DA PRENDA

- 1- O vestido deve ser de uma peça, com a barra da saia á altura do peito do pé.
- 2- A quantidade de passa-fitas, apliques, babados e rendas, é de livre criação.
- 3- O vestido tem que ser de chita lisa ou estampada, sendo facultado o uso de tecidos sintéticos com estampas miúdas, ou peti-pois.
- 4- Vedado o decote.
- 5- Saia de armar, quantidade livre.
- 6- Obrigatório o uso de bombachinhas rendadas ou não, cujo comprimento deverá atingir a altura do Joelho.
- 7- Mangas até os cotovelos, 3/4, ou até os pulsos.
- 8- Lenços com pontas cruzadas sobre o peito, ou fichu (de seda com franjas ou croché) uma ou outra peça, presa por broche ou camafeu. Facultativo o uso de xale.
- 9- Meias longas, brancas ou coloridas, não transparente.
- 10- Sapato de salto grosso, tipo escolar, que abotoa do lado de fora por uma tira que passa sobre o pé.
- 11- Cabelo solto em trança (única ou dupla), enfeitado com flores ou fitas. Vedado o uso de coque, para as solteiras.
- 12- Facultado o uso de brincos de argola inteira, de metal, vedados os de fantasias ou plásticos.
- 13- Permitido o uso de pulseiras de aro de qualquer metal. Não aceita as pulseiras de plásticos.
- 14- Vedado o uso de colares.
- 15- Permitido o uso de um anel em cada mão. Vedados os de fantasia.
- 16- É permitido o discreto uso de maquiagem facial, sendo vedados as sombras e os batons brilhantes, lilases ou roxos.
- 17- Vedado o uso de relógio de pulso.
- 18- Livre criação, quanto a cores, padrões e silhueta, dentro dos parâmetros acima enumerados (ZATTERA,1995, p. 135).

## 6 Traje atual da prenda, segundo as normas do MTG

Segundo as normas do estatuto do Movimento de Tradições Gaúchas- MTG (MTG-2003), o traje feminino deve ser adequado ao do peão,

que é predominante, especialmente nos seguintes quesitos: períodos históricos, classe social de atividade Campeira (rural) ou Cidadina (cidade).

A compatibilização é caracterizada pelo modelo, tipo de tecido, tipo de calçado (ou ausência), penteado e maquiagem. Segundo as normas do MTG, a indumentária da prenda é composta por uma série de peças devidamente ordenadas, listadas no quadro a seguir:

**Tabela 1: Norma de vestimenta para o vestido de prenda.**

ITEM	DESCRIÇÃO
Saia e blusa ou bata	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Saia: com a barra no peito do pé, godê, meio-godê ou em panos.</li> <li>- Blusa ou bata: de mangas longas, três quartos ou até o cotovelo (vedado o uso de “boca de sino” ou “morcego”), decote pequeno, sem expor os ombros e os seios, podendo ter gola ou não.</li> <li>- Bordados e pinturas: se utilizados, devem ser discretos. As pinturas com tintas para tecidos.</li> <li>- Tecidos: lisos. Nas blusas ou batas, tecidos mais encorpados.</li> <li>- Cores: escolher cores harmoniosas e lisas, esquecendo as cores fortes, proibidas as cores berrantes e fosforescentes.</li> <li>- Cuidados: nas apresentações artísticas, o traje feminino deve representar a mesma classe social e época retratada na indumentária do homem.</li> <li>- Vedações: enfeites dourados, prateados, pinturas a óleo e purpurinas.</li> <li>- Este traje não é autorizado para as categorias mirim e juvenil.</li> </ul>
Saia e casaquinho	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Saia: com a barra no peito do pé, godê, meio-godê ou em panos.</li> <li>- Casaquinho: de mangas longas (vedado o uso de “boca de sino” ou “morcego”), gola pequena e abotoado na frente.</li> <li>- Bordados e pinturas: se utilizados, devem ser discretos. As pinturas com tintas para tecidos.</li> <li>- Tecidos: lisos. Nas blusas ou batas, mais encorpados.</li> <li>- Cores: escolher cores harmoniosas e lisas, esquecendo as cores fortes, proibidas as cores berrantes e fosforescentes.</li> </ul>

<p>Saia e casaquinho</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cuidados: nas apresentações artísticas, o traje feminino deve representar a mesma classe social e época retratada na indumentária do homem.</li> <li>- Vedações: enfeites dourados, prateados, pinturas a óleo e purpurinas.</li> <li>- Roupa de época: a saia deve ser lisa. O casaquinho poderá ter bordados discretos.</li> <li>- Este traje não é autorizado para as categorias mirim e juvenil.</li> </ul>
<p>Vestido</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Modelo: inteiro e cortado na cintura ou de cadeirão ou ainda corte princesa com barra da saia no peito do pé, corte godê, meio-godê, franzido, pregueado, com ou sem babados.</li> <li>- Mangas: longas, três quartos ou até o cotovelo, admitindo-se pequenos babados nos punhos, sendo vedado o uso de mangas “boca de sino” ou “morcego”.</li> <li>- Decote: pequeno, sem expor ombros e seios.</li> <li>- Enfeites: de rendas, bordados, fitas, passa-fitas, gregas, viés, trancelim, crochê, nervuras, plisses, favos. É permitida pintura miúda, com tintas para tecidos. Não usar pérolas e pedrarias, bem como, os dourados ou prateados e pintura a óleo ou purpurinas.</li> <li>- Tecidos: lisos ou com estampas miúdas e delicadas, de flores listras, <i>petit-poa</i> e xadrez delicado e discreto. Podem ser usados tecidos de microfibra, crepes, oxford. Não serão permitidos os tecidos brilhosos, fosforescentes, transparentes, slinck, lurex, rendão e similares.</li> <li>- Cores: devem ser harmoniosas, sóbrias ou neutras, evitando-se contrastes chocantes. Não usar preto, as cores da bandeira do Brasil e do RS (combinações).</li> </ul>
<p>Bombachinha</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Modelo: de tecido, com enfeites de rendas discretas.</li> <li>- Cor: branca.</li> <li>- Comprimento: abaixo do joelho, sempre mais curta que o vestido.</li> </ul>
<p>Saia de armação</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Modelo: leve e discreta, se tiver babados, estes devem se concentrar nos rodados da saia, evitando-se o excesso de armação.</li> <li>- Cor: branca.</li> <li>- Comprimento: deve ser inferior ao do vestido.</li> </ul>

Sapatos e botinhas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cores: preta, marrom (vários tons de marrom) e bege.</li> <li>- Salto: de até 5 centímetros</li> <li>- Modelo: com tira sobre o peito do pé, que abotoe do lado de fora.</li> <li>- Vedações: proibido o uso de sandálias e sapatos abertos.</li> </ul>
Meias	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Cor: branca ou bege.</li> <li>- Comprimento: longas o suficiente para não permitir a nudez das pernas.</li> </ul>
Cabelos	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Arrumação: podem ser soltos, presos, semi presos ou em tranças. Para prendas adultas e veteranas é permitido o coque.</li> <li>- Enfeites: com flores naturais ou artificiais, pequeno passador (travessa) para prendas adultas e juvenis.</li> <li>- Vedação: vetados os brilhos, purpurinas e peças de plástico.</li> </ul>
Maquiagem	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Discreta, de acordo com a idade e o momento social.</li> </ul>
Jóias	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cuidados: devem ser sempre discretas, de acordo com a idade, a classe e o momento social. - Uso da pérola: são permitidas as jóias e semijóias com uso de pérolas, nas cores branco, rosado, creme e champanhe, nos brincos, anéis e camafeus.</li> <li>- Uso de pedras: permitido, desde que sejam discretas.</li> </ul>

Fonte: Adaptado pelas autoras, de Movimento Tradicionalista gaúcho/RS Diretrizes para a Pilcha Gaúcha Traje Atual, 2015.

A indumentária gaúcha, é vista como uma das formas de buscar as raízes dos antepassados. Nos dias atuais a indumentária não é mais usada para a lida no campo, e sim, para representar a cultura gaúcha dentro e fora do estado do Rio Grande do Sul por nossos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) e Departamentos Tradições Gaúchas (DTGs) e público em geral. A indumentária, especialmente a da prenda, passou e passa por constantes transformações, uma vez que é muito usada, por muitos, como uso exclusivo em festivais e apresentações de danças. Puxando muito para a lado da competição, o vestido vem se adequando a moda. Modernizando cada vez mais, através de novos tecidos, estampas, babados e acessórios. Sempre bom lembrarmos aqui, que mesmo sendo inspirado na moda atual, a pilcha da prenda deve seguir as regras impostas pelo estatuto do MTG - Movimento Tradicionalista Gaúcho.

## CONCLUSÃO

A indumentária gaúcha contemporânea é vista como uma das formas de manter viva a cultura Gaúcha. Com a evolução da moda, as vestes gaúchas tradicionais não são mais utilizadas para a lida no campo, e sim, para representar a cultura gaúcha dentro e fora do estado do Rio Grande do Sul pelos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) e Departamentos Tradições Gaúchas (DTGs) e comunidade. É uma das principais formas de cultivar e manter viva a tradição gaúcha.

A mulher gaúcha contribuiu fortemente na construção da história do Rio Grande do Sul. Sempre ocupou um lugar de destaque na história do estado, com sua postura simples, leal e companheira, conquistou a confiança do homem gaúcho, o qual era considerado o mais machista dentre os homens.

Mulher forte e batalhadora, ajudou defender bravamente a terra, enquanto os homens estavam ocupados emprestando suas forças em causas políticas. Foi a mulher gaúcha que por infinitas vezes carregou a responsabilidade de manter o Rio Grande do Sul vivo, seja criando e educando os filhos, e até mesmo lutando, protegendo a sua família e a estância, quando os homens precisavam ficar afastados das lidas por vários dias ou meses.

Atualmente, a mulher gaúcha vem conquistando cada vez mais espaço na sociedade, e não poderia ser diferente no Movimento Tradicionalista Gaúcho, contribuindo com excelência e enobrecendo a cultura gaúcha, dentro e fora do Estado. Hoje, trajando o vestido de prenda, a mulher gaúcha relembra o tempo que suas antepassadas bravamente guerrilharam apenas acompanhadas de seus filhos, mas sem se deixar abater. De suma importância para o tradicionalismo, na atualidade, a indumentária busca retomar valores e princípios que refletem a pureza, a simplicidade, a graciosidade, a delicadeza e, ao mesmo tempo, a bravura, a firmeza da guerreira mulher gaúcha, intitulada prenda.

A pilcha gaúcha feminina foi criada pelos rapazes do 35-CTG, através da análise da moda. Vestiu mulheres por anos, sendo instituída em lei e definida através das Diretrizes da Pilcha Gaúcha, apresentada no 34º Congresso Tradicionalista, em 1989, na cidade de Caçapava do Sul-RS. Há diferentes trajes, para peão e prenda, lembrando que o traje da prenda deve ser sempre representativo, no contexto combinando, com o do peão. Entretanto, podemos afirmar que a indumentária que melhor caracteriza a mulher gaúcha é o vestido de prenda, a saia e blusa, ou ainda a saia e casaquinho, pois reflete a essência da Prenda, aquela que representa o verdadeiro tesouro dos galpões gaúchos, sendo digna de todo o respeito e admiração.

## REFERENCIAS

- ABREU, Sonia de Campos. *Indumentária Gaúcha*. Porto Alegre: Ed. Fundação Cultural Gaúcha - MTG, 2003.
- ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO. *Lei Estadual da Pilcha Gaúcha*. Artigo de lei disponível em <http://www.paginadogaicho.com.br>. Acesso em 05 janeiro 2019.
- CÊSAR, G. *Raízes históricas do Rio Grande do Sul*. In. Rio Grande do Sul- Terra e povo. Porto Alegre: Editora Globo, 1964
- CÔRTEZ, J.C. Paixão, CÔRTEZ. Marina M. Paixão. *A Moda Alinhavos & Chuleinhos*. Porto Alegre. ed. Lorigraf Gráfica e Editora Ltda. Reedição 2005.
- CÔRTEZ, J.C. Paixão. *O Gaúcho, danças, trajés artesanato*. Porto Alegre: ed. Garatuja, [s. d.].
- FAGUNDES, Antonio Augusto. *Curso de Tradicionalismo Gaúcho*. 2ª edição. Porto Alegre: Ed. Martins Livreiro, 1994.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LAMBERTY, Salvador Ferrando. *ABC do Tradicionalismo Gaúcho*. Porto Alegre: Ed. Martins Livreiro, 1989.
- LESSA, L.C. Barbosa. *Nativismo: Um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: Ed. L&PM Editores Ltda, 1985.
- MTG, Regionalismo Gaúcho. *A Evolução da Vestimenta Gaúcha*. Disponível em <<https://regionalismogaicho.weebly.com/vestuuaacuterio.html> >. Acesso em: 05 jan. 2019.
- SAVARIS, Carlos Manoelito. *Rio Grande do Sul História e Identidade*. Porto Alegre: Ed. Fundação Cultural Gaúcha - MTG, 2008.
- SOUZA, Gilda de Mello e. *O Espírito das Roupas: A Moda no Século XIX*. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 1987.
- VELLINHO, Moisés. *Formação histórica do gaúcho rio-grandense*. In: Rio Grande do Sul Terra e Povo. Porto Alegre: Globo, 1964
- ZATTERA, Vera Stidile. *Trajés Típicos Gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Palotti, 1945.
- ZATTERA, Véra Stedile. *Pilchas do Gaúcho Vestuário Tradicional Arreios e Avios de Mate*. Porto Alegre: Ed. Palotti, 1995.
- ZERO HORA. *Caderno de Cultura*. Jornal Zero Hora, 2000.